

Para citar este artigo (ABNT):

SANTOS, F. Espaços íntimos compartilhados: reflexões artísticas a partir da perspectiva feminista. In: *Cultura Visual*, n. 14, dezembro/2010, Salvador: EDUFBA, p. 33-40.

Espaços íntimos compartilhados: reflexões artísticas a partir da perspectiva feminista

Intimate shared spaces: reflections on feminist artistic perspective

Fabiane Santos

Resumo

Nesse texto tratamos de mulheres artistas que abordam nos seus trabalhos a carga do ser feminino permitindo expressar as inquietudes mais íntimas que são guardadas entre quatro paredes, detrás das portas fechadas, com uma chave que não existe. Através de práticas artísticas, observaremos como essas lutas fazem eco e dialogam com as novas mídias. As artistas passam utilizar os meios tecnológicos como ferramentas de trabalho, gerando movimentos no espaço público, na Rede.

Palavras-chave

Espaços íntimos; feminismo; novas mídias artísticas; web.

Abstract

Women artists try to address in its work load to be women and to express the most intimate concerns are saved four walls, behind closed doors with a key appear does not exist. Through artistic practices, observe how these struggles echo and mingle with new media. The artists spend a using technological means like tools, generating movements in public space on the Web.

Keywords

Intimate spaces; feminist; new artistic media; web.

A arte feminista aproxima o espectador a um espaço de intimidade, desvelando o cotidiano feminino que é referenciado em experiências vividas pelas próprias artistas.

Podemos destacar diversas artistas como: Louise Bourgeois, Mary Kelly, Judy Chicago, Yoko Ono, Miriam Schapiro, Frida Kahlo, Cindy Sherman, Annette Messenger, Paloma Navarres, Tracey Emin, Kiki Smith, Eulalia Valldosera, Marta Maria Perez, Nan Goldin, entre outras, que em suas obras tratam das questões relativas à intimidade e os espaços privados relacionados com espaços públicos. Suas experiências passam a ser compartilhadas com os espectadores e eles passam a ser refletidos nas próprias obras. Selecionamos algumas artistas para ver como são tratados esses temas em suas obras.



Figura 1 - Tracey Emin, *Everyone I Ever Slept With 1963-1995*.

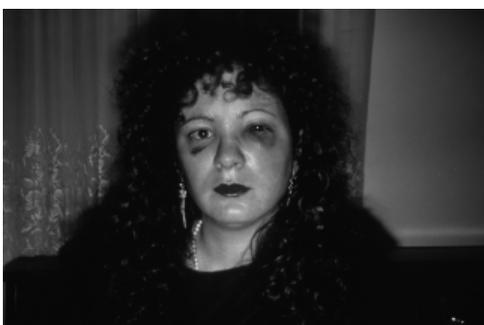


Figura 2 - Nan Goldin – “Nan one month after being battered”, 1984 (Cibachrome photograph. Matthew Marks Gallery, NYC)

As obras de Tracey Emin se entrelaçam continuamente as esferas individual e universal, íntima e privada. O espectador se converte sem dar-se conta em um voyeur que pode satisfazer suas necessidades de sensacionalismo e seus interesses humanos de uma maneira que só são proporcionados pelos meios de comunicação. Na obra *Everyone I Have Ever Slept With From 1963-1995*, a artista apresenta uma tenda de campanha, onde as paredes interiores estavam cobertas de letras de cores vivas que formavam os nomes de todas aquelas pessoas que haviam compartilhado o leito da artista durante esse período.

Nas fotografias de Nan Goldin, a intimidade se faz pública. Registrar esses momentos íntimos da artista, não só de sua própria vida como também de seus amigos, é para Goldin como refletir a própria vida e reafirmar-se. Para ela sua câmara é companheira inseparável e as fotografias seu diário visual. Em 1984, Nan Goldin fotografou seu próprio rosto em *Nan one month after being battered* (Nan um mês depois de haver sido maltratada).

Uma das artistas pioneiras mais influentes é Louise Bourgeois. Suas obras têm como foco as questões de identidade e intimidade, com caráter autobiográfico,

o qual gera uma reflexão que dá voz a experiências concretas. Conceitos como prazer, desejo, sexualidade e o gênero, passam a ser revisados e se convertem em metáforas na sua obra.

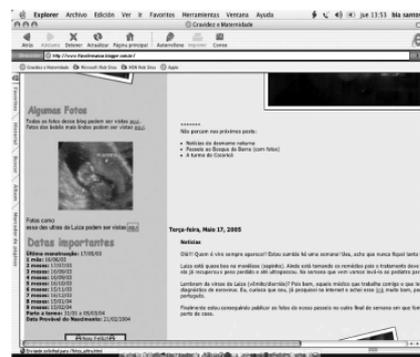
Uma série de obras que podemos destacar de Louise Bourgeois neste sentido é *Cells*, que em geral são espaços fechados, íntimos, com apropriações de elementos domésticos que fazem referências ao medo. O medo é a dor, em muitas ocasiões o encontramos como dor disfarçada. “por meio do auto conhecimento, se identifica e se compreende o mecanismo de nossos medos. Deixamos de depender do desconhecido e a representação chega ao final”. Louise Bourgeois, através de sua intimidade, trás ao público a mulher que se esconde entre paredes, com a coragem de fazer forte seus desejos, medos e frustrações, dando-se a conhecer através da revelação pública.

Marcado igualmente por este sentido de revelação íntima, a artista Mary Kelly, produziu uma obra que obteve considerável atenção nos anos 70. Entre 1973 e 1979, a artista desenvolveu um trabalho que teve grande repercussão entre as artistas feministas posteriores; uma enorme documentação, em diferentes meios, do nascimento e da primeira infância de seu filho. Sobre o título *Documentação pós-parto*, o trabalho é repartido em seis seções que acompanham o desenvolvimento da criança, passando pelo desmame, pela progressiva separação dos pais, pela aprendizagem da linguagem, finalizando o trabalho com a criança sendo capaz de escrever seu próprio nome.

A obra pertence a um período que marcou a vida de Mary Kelly, e através desse trabalho a artista revela e compartilha sua intimidade conosco. Se desvelam dois momentos: primeiro momento, o momento da obra, quando deixa de ser um objeto de contemplação e se transforma desde o cotidiano para formar parte do mundo imaginário coletivo; o segundo é o momento de uma vida, a priori resguardada, que se torna pública, passando a ser reconhecida como Arte.

Hoje em dia, podemos estabelecer uma relação desse trabalho com os movimentos que vêm ocorrendo na Rede, através dos *weblogs*¹, um novo

¹ Os *weblogs* são um meio de comunicação livre na rede que permite às pessoas exporem suas idéias, sonhos, etc. através de palavras, lugares que contêm informações relevantes e opiniões contextualizadas.



Figuras 3 e 4 - Exemplo de *weblog* (Fonte: < <http://wonderfullbaby.blogspot.com/2005/05/ai-o-blog.html> >).

fenômeno de apresentação do Eu na vida cotidiana, onde surgem coletivos ativistas, diários pessoais, e novas formas de jornalismo. São esses espaços virtuais onde muitas mulheres desenvolvem seus diários íntimos, apresentando ao público, que navega pela Rede uma informação de sua gravidez e o desenvolvimento de seu filho. Nesta janela a mulher passa a compartilhar o momento de sua intimidade, experiências, conflitos, felicidades e o cotidiano, com outras pessoas desconhecidas no ciberespaço.

Estas mulheres que em seu dia-dia com seus trabalhos domésticos, em sua rotina diária, convertem o início de toda uma referência de seu Ser, e a casa passa a ser esse campo de especulação. Momentos íntimos do cotidiano doméstico da casa se escondem em geral em uma habitação. Nesta habitação podemos encontrar gavetas com a possibilidade de estarem abertas ou quase abertas, nas quais podemos depositar um pouco da nossa privacidade.

A artista Marina Abramovic, realizou a performance/ instalação, “A casa com vista ao oceano”, em 2002, na Sean Nelly Gallery, Nova York, onde na vista dos visitantes da Galeria, a artista realizava todas as operações cotidianas: vestir, ir ao banheiro, tomar banho, sentar, comer.etc.



Figura 5 - Marina Abramovic, “La casa con vista al océano” (Sean Nelly Gallery, Nueva Cork, 2002).

Em “A casa com vista ao oceano”, a artista queria ir mas além de uma mera reflexão sobre os limites entre o público e o privado e a falta de comunicação na sociedade. A obra propõe a definição espacial sobre a experiência contemporânea. Na leitura de Abramovic, o interior da casa não significa a intimidade e proteção, e sim a reclusão e alienação. Os hábitos cotidianos e os espaços fechados em que estes se produzem não articulam a vida, dando sentido, se introduzem em um loop perpétuo de que não tem saída possível. Uma escada situada em ambos extremos da estrutura modular, cujos degraus foram substituídos por facas afiadas, fazendo evidentes a impossibilidade de romper o círculo.²

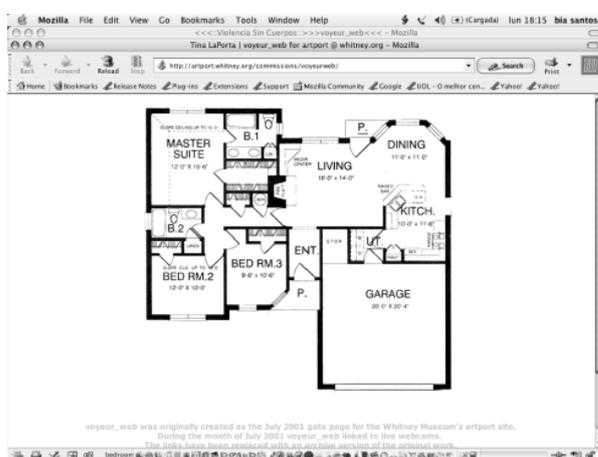
Esses momentos íntimos da casa, que nunca foram compartilhados com outras pessoas, na contemporaneidade já estão abertos ao espaço, ou melhor, ao ciberespaço. Podemos destacar a Jennifer Ringley como a primeira mulher a trabalhar sobre as questões do rompimento do espaço privado da casa. Em abril de 1996, Ringley tinha 19 anos, era apenas uma estudante, quando instalou uma série de ‘webcams’ em seu dormitório do Dickinson College de Pennsylvania e conectou a JenniCam.org. Durante estes anos, as câmaras acompanharam a vida de Jennifer 24 horas do dia, enquanto realizava todo tipo de tarefas, desde escovar os dentes no banheiro, até ver televisão ou brincar com seus gatos.

Formatos como o Big Brother, que está fazendo sucesso há alguns anos na

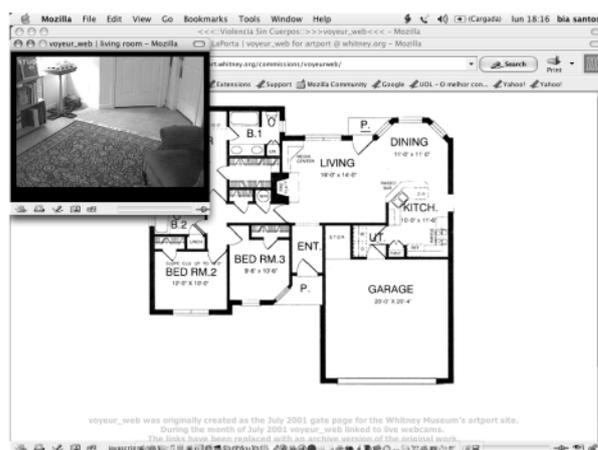
² Ramírez, Juan Antonio y Jesús Carillo. Tendencia del arte, arte de tentencias a principio del siglo XXI. Ensayos Arte Cátedra, 1ª ed., Madrid, 2004, p. 138.

TV, os diários pessoais têm revolucionado a web, e é raro site pornô que não tenha câmaras ao vivo para oferecer shows eróticos. No entanto, Jenni (assim chamado por seus fãs) foi uma das primeiras a ‘vender’ a sua vida na Internet “como uma experiência sociológica”, como afirma ela.

O que realmente pretendeu com esta página é criar “uma janela em um zoom humano”. “Mantive JenniCam funcionando não porque queria ou precisava ser vista, mas porque simplesmente não me importa ser observada”, disse ela.³ Sete anos depois de sua abertura, esse site histórico de “exibicionismo caseiro”, JenniCam.org, fecha suas portas... e apaga suas câmaras. A venda de sua vida ao vivo durante 24 horas do dia converteu em um dia a Jennifer Ringley em uma celebridade, e em 31 de dezembro de 2004, finalizou seus dias de glória no ciberespaço.



Podemos relacionar a ação de Jenni Cam com o trabalho da artista Tina La Porta, quando ela questiona como a Internet – espaço público esta modificando ou pode modificar a vida na esfera privada. A partir desta questão, realiza o trabalho Voyeur_web que foi desenvolvido durante o mês de julho de 2001 como plataforma de acesso via webcams; viver a vida ao vivo em um espaço privado.



Durante esse tempo, o projeto esteve acessível na homepage do projeto Artport Whitney Museum. Voyeur_web tinha como pretensão explorar esta intersecção entre o público e o privado na ficção de vida em (ou) através da Internet. De fato, a especificidade da comparação casa-Internet é comum no meio. A rede, como novo habitat, pode funcionar como um substituto ou ampliação de um espaço físico definido por paredes ou muros, casas disfarçadas de lar, nas quais confinaram muitas mulheres para privado e desse ao invisível.

Figuras 6 e 7 - Homepage do projeto Artport Whitey Museum (Fonte: < <http://artpot.whitney.org/commissions/voyeurweb> >).

O plano de uma casa é a interface escolhida por Tina La Porta para facilitar a navegação real, é representada entre a web e a casa. A delimitação é sugestiva não é fixa, sobrepondo-se, não só por causa da fragilidade que parece ter traçado uma linha como parede desenhada, em vez de tijolos que ela representa, mas por uma combinação de navegação fictícia com a navegação real pelos espaços conectados à rede

através de webcams. A interferência do público na rede é gerada no espaços privado físicos da casa, fazendo um corte irreversível através do qual nada mais será o mesmo. A obra de Tina La Porta propõe uma aproximação à vida em cada cômodo da casa –fazendo voyeur desde do público para o privado.

Com o surgimento da tecnologia, novas meios oferecem novas formas de comunicação e desenvolvimento das atividades das mulheres. Hoje temos várias ações empreendidas pelas mulheres e também por grupos que começam a agir livremente em uma rede de comunicação, colocando em prática seus conhecimentos, pensamentos, reivindicações, posições políticas, etc., naquilo que chamamos de ciberespaço.

As chamadas Ciberfeministas propõem uma nova relação entre a máquina e a mulher, indicando uma nova visão de gênero do significado do valor do corpo e da identidade. Elas promovem uma linha de discussão, ações e reivindicações contra o discurso patriarcal e do poder hegemônico no campo da tecnologia.

Entre as ações realizadas na rede por mulheres artistas-ativistas, podemos destacar, entre outras: Old Boys Network (OBN), um consórcio composto principalmente ciberfeministas Européias; FACES SITTING, dirigida por Kathy Huffman; f-mail, dirigida pela artista Victoria Vesna, também dedicada a comunicação; e Axis: Fundação de Arte e Gênero. Ou também podemos destacar as atividades de grupos como subRosa ou DAM - um projeto de arte pública que visa a inserção de imagens lesbianas em um contexto comercial ; assim como LAS PENÉLOPES, FACE TO FACE, GEEKGIRL E LÉSBIANS.

Assim, concluímos que no campo da arte, o ato de compartilhar a intimidade é utilizada por muitas artistas que expõem seus momentos íntimos para os espectadores como uma forma de questionar a posição da mulher, expondo suas idéias e sentimentos, utilizando o corpo como espaço, produção e de liquidação da subjetividade, questionando sobre a memória e a experiência privada. Os recursos tecnológicos estão sendo grandes aliados da arte para que muitas dessas obras sejam desenvolvidas.

Apesar de contar com esses movimentos artísticos que são plataformas de expressões e de situações em que se encontram muitas mulheres, que mostram grandes iniciativas, onde podemos contar com acesso a informações que em geral estavam escondidas detrás de muitas paredes das casas, que hoje saem à luz e podem fazer eco dentro da sociedade, sabemos que ainda são pequenas as conquistas de muitas mulheres, por que vivemos em um mundo cheio de mundos. Diferentes situações ocorrem no século XXI, onde atualmente muitas mulheres vivem histórias que poderiam ser consideradas do século passado, como a repressão, a discriminação pela sua condição de mulher, a agressão por parte masculina, entre outras, sem falar do que ocorre na cultura oriental, onde ainda muitas mulheres não têm o direito de expor seu rosto, sendo proibidas de ter autonomia em relação ao seu próprio corpo.

Referências

- ALCOFF, Linda. Feminismo cultural versus post-estructuralismo. In:http://creatividadfeminista.org/articulos/2004/fem04_estrucultur_01.htm [consulta:21/12/2005]
- BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter (orgs.). A Filosofia de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BLANCO, Olivia. "La 'querelle feministe' en el siglo XVII", en C. Amorós (coord.), Actas del Seminario Permanente Feminismo e Ilustración, p. 77. Disponible en www.nodo50.org/mujeresred/historia-feminismo1.html [consulta:21/12/2005]
- BLANCO, Paloma, Jesús Carrillo, Jordi Claramonte, Marcelo Expósito. Modos de hacer: Arte crítico, esfera público y acción directa. Salamanda: Ediciones Universidad de Salamanca, 2001.
- BLISSET, Luther, Sonja Bünzels. Manual de gerrilla de la comunicación. Barcelona: Virus, 2000.
- BOURGEOIS, Louise. Destruição do Pai, Reconstituição do Pai. São Paulo: Cosac & Naip Edições, 2000.
- BRAIDOTTI, Rosi. Un ciberfeminismo diferente. In: http://www.creatividadfeminista.org/articulos/ciber_braidotti.htm [consulta:23/10/2004]
- _____. Cyberfeminism with a difference. in:http://www.let.uu.nl/womens_studies/rosi/cyberfem.htm [consulta: 11/02/2005]
- BREA, José Luis. La era postmedia: Acción comunicativa, prácticas (post) artísticas y dispositivos neomediales. Salamanca: Varona, 2002.
- CAO, Marián L.F.. Creación artística y mujeres. Madrid: Narcea, 2000.
- CARRILLO, Jesús. Arte en la Red. Madrid: Arte Cátedra, 2004.
- CERÓN, Ileana Pradilla; REIS, Paulo (orgs.). Kant: crítica e estética na modernidade. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.
- CARROLL, Noël. Una filosofía del arte de massa. Madrid: A. Machado Libros, S.^a, 2002
- COELHO NETO, Teixeira. Moderno pós-moderno. 2.ed. São Paulo: L&PM,1990.
- COLLADO, Ana Martinez. Tendência – Perspectivas feministas en el arte actual. Murcia:Cendeac, 2005.
- CONNOR, Steven. Cultura Pós-Moderna. São Paulo: Editora Loyola,1993.
- DEEPWELL, Katy. Nueva crítica feminista de arte: Estrtegiyas críticas. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- ECHOLS, A. Daring to Be Bad. Radical Feminism in America (1967-1975), University of Minnesota Press, Minneapolis 1989.

ERGAS, Y. "El sujeto mujer: el feminismo de los años sesenta-ochenta", en Duby y Perrot (dirs.), Historia de las mujeres, Taurus, Madrid 1993.

PLANT, Sadie. Mulher Digital.: o feminino e as novas tecnologias. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

PRADO, Gilbertto. Estudo e Criação de Site da Arte na Internet. In: In:Encontro Nacional da ANPAP. Anais, São Paulo, p. 296-303, 1997.

OSTRWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

PIGNATARI, Décio. Letra, artes, mídias. São Paulo: Globo, 1995.

RAMÍREZ, Juan Antonio y Jesús Carillo. Tendencia del arte, arte de tentencias a principio del siglo XXI. Ensayos. 1ª ed, Madrid: Arte Cátedra, , 2004.

VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

WOOD, Paul...[et alii]. Modernismo em Disputa – A arte desde os anos quarentas. São Paulo: Cosac & Naif , 1998.

Sobre a autora

Fabiane Santos (Bia Santos) é formada em Artes Plásticas e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Pós graduada em Metodologia do Ensino Superior, Especialização em Artes Visuais e intermédias (UPV - Espanha). Pesquisadora, doutoranda do programa em Artes Visuales e Imtermedias da Universidade Politécnica de Valencia – Espanha, realiza diferentes atividades independentes com respeito a Arte e sua difusão. Desenvolve pesquisa em torno do Universo Feminino e suas relações entre o público e o privado. suas intervenções no ciberespaço.

E.mail: biasantos13@hotmail.com